

# **Entre saúde, ciência e internet: notas sobre associações canábicas e comunicação científica no Instagram<sup>1</sup>**

Hellen Caetano (PPGAS/UFRN)

## **Resumo**

Neste trabalho, busco demonstrar como a internet e o surgimento de redes sociais têm contribuído ativamente para o compartilhamento de experiências de adoecimento, uso de substâncias, terapias alternativas, compartilhamento e produção de dados científicos. Para isso, analisei conteúdos de divulgação e comunicação científica produzidos por associações de pacientes em torno do uso terapêutico de Cannabis e seus componentes derivados. Essas associações vêm fazendo um trabalho importante, principalmente no Instagram, buscando compartilhar o que está sendo produzido em diferentes áreas de conhecimento com esses compostos, dando uma ênfase maior a área biomédica. Para rastrear as conexões e relações entre as associações, produtos científicos e os seguidores (pacientes, familiares, pessoas próximas a causa), analisei o conteúdo produzido por três associações (Abrace Esperança, Apepi e Cultive) entre os anos de 2020 e 2021 que foram disponibilizados no Instagram. Esses conteúdos foram analisados no programa de análise qualitativa Atlas.ti a partir de codagem de dados. Tomo esses espaços como lugares privilegiados que entrecruzam experiências on-line e off-line, demonstrando como a ciência e os produtos científicos estão presentes em nosso cotidiano e como o trabalho de comunicação científica realizado por essas associações tem sido essencial para garantir fluxos de informações, expertises e acessos à novas terapias de saúde.

**Palavras-chave:** Cannabis; Comunicação científica; Redes sociais.

## **Introdução<sup>2</sup>**

Em meados de 2013, a discussão terapêutica sobre o uso da Cannabis ganhou força na Internet com o auxílio de redes sociais, principalmente grupos no Facebook. Histórias de sucesso com o uso de óleos de Cannabis rico em Canabidiol, um de seus componentes, foram sendo divulgados em grupos de ajuda mútua de pacientes com síndromes raras. Foi em um desses grupos que a história de Charlotte Figi circulou. Charlotte era uma criança estadunidense que sofria com intensas crises convulsivas decorrentes de uma síndrome rara conhecida como Dravet<sup>3</sup>. O pai de Charlotte relatou que ela tinha conseguido zerar o número de convulsões com o uso recorrente do óleo de Canabidiol.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>3</sup> Essa doença se caracteriza como uma encefalopatia progressiva que é acompanhada por um tipo de epilepsia refratária a medicamentos convencionais, ou seja, não respondem as substâncias geralmente receitadas para diminuição e controle de crises.

Foi pelos grupos de pacientes com doenças e sintomas similares no Facebook que famílias brasileiras passaram a conhecer mais de perto os benefícios do uso de Cannabis e seus componentes derivados. A internet e as redes sociais possibilitaram que doentes e seus familiares compartilhassem experiências uns com os outros, criando expertises, compartilhando dificuldades e vitórias (FROSSARD; DIAS, 2016). Além disso, compartilhavam também dados e produtos científicos sobre as substâncias, terapias e adoecimentos. Anny Fischer e sua família tiveram conhecimento sobre o caso de Charlotte Figi e de outras crianças norte-americanas que obtiveram sucesso com o uso e logo resolveram tentar conseguir o óleo, entrando em contato com pessoas do grupo que já tinham conseguido acesso, utilizado e tido resultados positivos após o uso. O caso de Anny ficou conhecido nacionalmente após se tornar a primeira pessoa a ter um pedido de importação do óleo derivado de Cannabis aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) no Brasil.

A partir desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é analisar conteúdos de divulgação e comunicação científica produzidos atualmente pelas associações de pacientes em torno do uso terapêutico de Cannabis e seus componentes derivados. Essas associações vêm fazendo um trabalho de comunicação científica em redes sociais como o Instagram, buscando compartilhar o que vem sendo produzido em áreas científicas com os compostos, principalmente na área biomédica. Elas têm feito resumos e passado tais informações, que muitas vezes tem linguagem técnica e complexa, de forma mais simples para seus seguidores. Para analisar as conexões e relações entre as associações, produtos científicos e seguidores (pacientes, familiares, simpatizantes da causa), analisei o conteúdo produzido por três associações (Abrace Esperança, Apepi e Cultive) entre os anos de 2020-2021 disponibilizado no Instagram. Esses conteúdos foram examinados no programa de análise qualitativa Atlas.ti a partir de codagem de dados. Desse modo, nosso intuito é demonstrar como a internet e o surgimento de redes sociais têm contribuído ativamente para o compartilhamento de experiências de adoecimento, uso de substâncias, terapias alternativas e produções científicas. Entender como a divulgação e a comunicação científica vêm ocorrendo nesses meios e quais são as problemáticas em torno da produção de conhecimento nessas redes tornam-se essenciais.

### **Percursos biossociais na Internet**

Manuel Castells (2003) argumenta que devemos ser capazes de avaliar padrões de sociabilidade na Internet, já que existe uma difusão maciça de suas funções

comunicacionais nos dias de hoje. Com a chegada do Facebook em 2007 no Brasil, diferentes tipos de interações foram sendo feitas pelos seus usuários. O uso terapêutico de Cannabis e suas substâncias derivadas tiveram na Internet e principalmente nas redes sociais seus principais aliados. Os grupos de pacientes no Facebook, por exemplo, foram essenciais para que fossem construídas redes de apoio mútuo, bem como trocas de conhecimento sobre terapias alternativas, uso de medicamentos e melhor qualidade de vida. Ao descrever eventos sobre o uso do óleo de Cannabis rico em Canabidiol, Fabiana Oliveira (2016) se ateu às perambulações de diferentes famílias até chegarem a um pedido de aprovação de importação por parte da Anvisa. A história de Charlotte Figi foi veiculada no canal Cable News Network (CNN) norte-americana em 2013. Esse é considerado um dos pontapés iniciais<sup>4</sup> da circulação de informações sobre o uso terapêutico dessas substâncias.

Os conteúdos expostos nessas redes sociais podem ser interessantes para pensar em como têm se construído as trocas de experiências de adoecimento nesses lugares. Para Daniel Miller *et al* (2019), ao invés de analisarmos as plataformas em si mesmas, devemos nos atentar ao conteúdo que é postado, considerando não só como o mundo mudou as mídias digitais, mas também como essas próprias mídias têm mudado a forma que estamos nos comunicando e nos expressando. Fabiana Oliveira (2016) expõe que, em 2013, o marido de Margarete entrou um post em um grupo no Facebook de um pai de uma criança norte-americana que fez uso do óleo de Canabidiol. Margarete e João são pais de Camila, uma criança com síndrome rara. Margarete então enviou uma mensagem pelo grupo perguntando informações sobre como conseguir o óleo para testar em sua família. Foi a partir dessa conversa com o pai norte-americano e as dicas dadas por ele que Margarete entrou em contato com a empresa Hempmeds. Um médico da própria empresa respondeu e prometeu enviar o óleo gratuitamente para que pudessem testar.

Ainda em 2013, Margarete compartilhou as informações sobre os efeitos terapêuticos do uso do óleo de Canabidiol para amigos brasileiros dos grupos de Facebook. Foi nesses compartilhamentos que Katiele Fischer teve acesso às informações e conseguiu o óleo. Em novembro de 2013, ela começou a medicar Anny e as crises convulsivas diminuíram de 60 convulsões para 19 por semana, uma mudança significativa. Como dito, o caso da família Fischer foi um dos que mais tiveram

---

<sup>4</sup> Isso não quer dizer que não havia uso terapêutico dessas substâncias anteriormente. Busco construir aqui uma linha de pensamento que demonstre certa cronologia de eventos importantes para o uso terapêutico de derivados de Cannabis atualmente no Brasil.

repercussão, seja em mídias digitais ou televisivas. A veiculação de uma matéria com Anny e sua família no programa Fantástico da Rede Globo<sup>5</sup> aumentou ainda mais a circulação de sua história, fazendo com que mais pessoas com sintomas parecidos tivessem curiosidade em obter informações sobre esse tipo de uso da Cannabis. Em 2014, Anny foi a primeira criança a receber autorização judicial para importar o óleo, impactando diretamente os pedidos que chegavam à Anvisa<sup>6</sup>, fazendo com que a instituição passasse a tomar medidas de regulamentação diretamente sob a Cannabis e suas substâncias derivadas.

Segundo Paul Rabinow<sup>7</sup> (1991), a descoberta de pessoas com predisposições genéticas envolve diferentes questões e propicia a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais em torno desses adoecimentos. Para ele, “haverá grupos portadores de neuro-fibromatose que irão se encontrar para partilhar suas experiências, fazer lobby em torno de questões ligadas a suas doenças [...]” (p. 88). Essas pessoas e grupos podem experimentar, partilhar, intervir e entender mutuamente a vida um dos outros. Carlos Guilherme do Valle (2015), nesse sentido, argumenta que criar biossocialidades e bioidentidades em torno das práticas de vida pode contribuir ativamente para novas formas de configuração biossocial.

Maria Elisa Máximo (2006), em uma análise etnográfica no universo dos blogs, argumenta que os próprios blogueiros tornavam-se leitores de outros blogs, buscando constantemente compartilhar experiências sobre determinados assuntos e acontecimentos, criando vínculos sociais. Nesse sentido, Manuel Castells (2003) demonstra que os usos da Internet são instrumentais e ligados estreitamente ao trabalho, à família e à vida cotidiana. As redes, nos termos do autor, são montadas a todo momento a partir de escolhas e estratégias dos atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Os grupos do Facebook, desse modo, pareciam estreitar laços em torno de estados de saúde em comum. Existiam trocas de experiências a partir de um diagnóstico e sintomas semelhantes.

---

<sup>5</sup> A reportagem foi veiculada em 30 de março de 2014.

<sup>6</sup> Yuri Motta (2019) mostrou que, entre 2014 e 2018, os estados que mais tiveram pedidos de importação de produtos à base de Canabidiol foram: São Paulo (2030), Rio de Janeiro (1044), Paraná (414) e Minas Gerais (500). A Paraíba teve um lugar excepcional neste ponto. Em 2015, o Estado da Paraíba se comprometeu a fornecer o Canabidiol gratuitamente para 15 famílias. Para saber mais, ver: <http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/handle/11549/8795>. Acesso em: 29 mai. 2022.

<sup>7</sup> Apesar de Paul Rabinow (1991) tratar mais especificamente de grupos em torno de doenças genéticas, acredito que o autor pode levantar apontamentos importantes na análise em questão.

Um desses grupos é o “CDKL5<sup>8</sup> Parents Support Group” que tem cerca de 1.400 membros e tem acesso restrito. Ele é descrito como um grupo de apoio para pais, avós e cuidadores de crianças com CDKL5 em tempo integral. Neste grupo do Facebook, os membros podem postar suas experiências, além de opiniões e informações médicas. Para os fins desse trabalho, vale evidenciar também o grupo CANNABIS MEDICINAL BRASIL (Pacientes e profissionais). Na parte destinada a descrição do grupo, é exposto que ele é destinado a tirar dúvidas de pacientes, profissionais e curiosos sobre as mais de 100 doenças tratadas com Cannabis medicinal. Além disso, fazem uso de diferentes hastag<sup>9</sup>, tais como #cannabis, #cannabismedicinal e #maconhamedicinal. O grupo é público, foi criado em 2021 e conta com cerca de 2.600 membros. Seguindo Daniel Miller *et al* (2019), o conteúdo do grupo parece demonstrar ainda mais fortemente a troca de experiências entre seus usuários. Os posts, em sua maioria, são de pessoas compartilhando suas experiências comuns com o uso do óleo ou buscando informações sobre dosagens, composições químicas, substâncias e informações científicas. Analisar e compreender esses conteúdos e processos é essencial, demonstrando como se criam laços a partir de sintomas e doenças, bem como biossocialidades e bioidentidades distintas (VALLE, 2015).

### **Associações canábicas e comunicação científica**

Neste trabalho, sigo o argumento de Bruno Latour (2012) e de outros antropólogos da área dos Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias que veem ciências, tecnologias e sociedade como domínios coproduzidos em meio a agentes humanos e não-humanos. Christine Hine (2020) argumenta que, para descobrir como um grupo de pessoas se relaciona a partir de alguma rede social, é necessário olhar para as atividades que são produzidas e consumidas, e como elas viajam e são incorporadas em outras atividades. Para a autora, a internet e o digital emergem na prática, sendo percebidos a partir de combinações entre dispositivos, pessoas e circunstâncias, pois “se a internet emerge na prática, ela é potencialmente múltipla” (p. 12). Annemarie Mol (2002) nos apresenta a pesquisa praxiográfica, que nada mais é que uma metodologia narrativa onde se deve

---

<sup>8</sup> CDKL5 é um gene que codifica proteínas essenciais para o desenvolvimento do cérebro. As mutações nesse gene costumam ser ligadas ao surgimento precoce de crises convulsivas frequentes e de difícil controle.

<sup>9</sup> Hastag são termos associados a assuntos e discussões que se deseja indexar em redes sociais específicas, tais como Instagram e Twitter. O acréscimo do símbolo “#” torna o termo um hiperlink que leva para uma página onde aparecem outras publicações com o mesmo tema.

considerar a abrangência dos agentes, ambientes e seu entorno, buscando compreender o fenômeno em questão. Desse modo, a realidade passa a ser vista como localizada histórica, cultural e materialmente, tornando-se múltiplas (MOL, 2008). Seguindo Hine, podemos entender as particularidades e especificidades dos engajamentos com a internet como um componente importante da vida.

De acordo com Ana Maria Carneiro e Tom Dwyer (2012), é a partir do relacionamento entre on-line e off-line que podemos apreender a complexidade da vida social cotidiana. Para os autores, a interação on-line não pode ser desassociada de contextos políticos e sociais com os quais os atores convivem rotineiramente. Quando pensamos nas associações canábicas, isso fica mais visível. Pais, mães e pacientes têm se juntado e desenvolvido expertises genéticas, médicas, biológicas e jurídicas para lidar com o mundo social que se constrói a partir da Cannabis. Compartilhar essas informações e experiências vivenciadas no cotidiano ajudam a lidar com seus adoecimentos e todos os acontecimentos decorrentes disso. Essas associações também têm desenvolvido um trabalho informativo e comunicacional sobre ciência na Internet. Para a construção deste trabalho, analisei o perfil de três associações canábicas (Abrace Esperança, Apepi e Cultive) no Instagram no programa de análise qualitativa Atlas.ti. O recorte temporal foi entre 2020-2021 que resultou em 97 postagens coletadas e analisadas. Essas três associações foram escolhidas por que já podem realizar diferentes tipos de cultivo e realizam processos com bases científicas para extração e produção dos produtos terapêuticos de Cannabis.

Segundo Nikolas Rose (2013), a política da própria vida coloca questões sobre nossas vidas e famílias, além de permitir associações que ligam pessoas pelos aspectos de suas identidades biológicas compartilhadas. O ativismo canábico segue esses pressupostos, vinculando pessoas com condições de doenças e sintomas semelhantes e diferentes que tem um propósito comum: o tratamento com Cannabis e suas substâncias derivadas. Neste sentido, Carlos Novas (2006) demonstra que as associações de pacientes têm sido locais-chave para entender práticas de formação de identidade e ativismos sócio-político. Inspirada por Novas, argumento que o ativismo canábico (associações, pacientes, familiares e profissionais engajados) tem contribuído ativamente nos investimentos em ciência, orientados pela esperança em acessar novas terapias. A ciência, desse modo, tem um caráter político e econômico que se materializa em diferentes possibilidades. Novas mostra também que essa economia política de esperança evidencia uma mudança na biopolítica contemporânea com a formação de grupos biosociais,

fazendo com que as pessoas afetadas por condições biológicas se engajem na produção de conhecimento, informação e busca por soluções.

Steven Epstein (1995) descreveu como ativistas da AIDS se tornam, de alguma forma, pessoas com credibilidade e legitimidade para falar numa linguagem científica biomédica. O autor descreve como esses “novos movimentos sociais” foram construídos de maneira distinta em ligação com a ciência. As associações canábicas têm conseguido espaços de legitimidade para falar sobre ciência em diferentes lugares, como nas redes sociais. Os conteúdos produzidos nessas redes sociais, seguindo Hine (2020), circulam continuamente, são extraídos e reincorporados. Para Hine, uma das características definidoras do digital é a facilidade com que tudo pode ser movido, re combinado e adaptado. A Associação Brasileira de Apoio Cannabis Esperança<sup>10</sup> (Abrace) é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo dar apoio aos pacientes e seus familiares que fazem uso de produtos derivados de Cannabis, além de cultivar, produzir e disponibilizar produtos feitos em seu próprio laboratório. A Abrace foi escolhida como um ator neste trabalho pois tem um trabalho de cultivo associativo do modelo coerente a resolução 327/2019 da Anvisa que é o utilizado pela indústria farmacêutica. No Instagram da Abrace, entre os anos de 2020-2021, recolhi 40 postagens que passavam algum tipo de informação científica aos seus seguidores.

Ao analisar o conteúdo das postagens da Abrace, percebi que muitas das informações passadas eram relacionadas a doenças específicas e datas comemorativas ao passo que a associação faz pouco uso das hastags. Algumas que as vezes aparecem nas postagens são #abraceesperanca, #abracenaopodeparar, #avidanaoespera, #cannabismedicinal. Outro ponto importante é que a associação poucas vezes utiliza o termo “maconha” em suas postagens, optando quase sempre por “Cannabis”. Em uma postagem de 08 de abril de 2021, comemorando o Dia Mundial de Combate ao Câncer, são descritos os sintomas desse adoecimento e qual a melhor forma de prevenção e cuidado; a foto, além de ter a logo da associação, traz uma folha de Cannabis ao lado de um laço rosa, símbolo do câncer de mama. Mais abaixo na legenda, falam que estudos têm mostrado que o tratamento com Cannabis pode ajudar no controle dos sintomas da doença. Além disso, postam o link e a fonte de um estudo específico vinculado ao Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos que sugere que os canabinóides são úteis no tratamento do câncer e dos efeitos colaterais da quimioterapia.

---

<sup>10</sup> Para saber mais, ver: <https://abraceesperanca.org.br/>. Acesso em: 04 mai. 2022.

Em outra postagem feita em 15 de novembro de 2021, a associação celebrava o Dia da Proclamação da Cannabis Medicinal. A imagem mais uma vez trazia a folha característica da Cannabis e uma embalagem que corresponde as dos óleos produzidos pela associação. Na legenda foi dito que em 15 de novembro de 1994 a Federação de Cientistas Americanos solicitou ao governo dos Estados Unidos que houvesse aceleração nas pesquisas sobre o uso medicinal da Cannabis. Trazem também informações sobre a Projeto de Lei 399/2015<sup>11</sup> que vem tramitando no Congresso Nacional e trata da regulamentação do uso medicinal no Brasil. Para apoiar tais pontos, enfatizam que existem estudos científicos que demonstram que o uso da Cannabis tem sido essencial no tratamento de crises convulsivas, nos sintomas da Doença de Parkinson e no Alzheimer. Apesar de falarem sobre os estudos, não citam ou referenciam nenhum na legenda. Dizem, no final da postagem, que a ciência deve ser usada como fonte de conhecimento. A ciência, desse modo, parece ser utilizada como estratégia para conferir credibilidade as informações trazidas nas legendas, mesmo que as fontes desses estudos não sejam listadas.

Figura 1: Postagem em comemoração ao Dia Mundial do Combate ao Câncer da Abrace.



Fonte: Instagram @abracesperanca.

<sup>11</sup> Ver: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=947642>. Acesso em: 17 mai. 2022.



Figura 2: Postagem em comemoração ao Dia da Proclamação da Cannabis Medicinal.

instagram.com/p/CWT5nkVPvG8/



Fonte: Instagram @abraceesperanca.

A Associação de Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal<sup>12</sup> (Apepi) foi criada em 2014 pelos pais de Sofia Langenbach que utiliza o óleo de maconha como medicamento para o controle de uma epilepsia refratária de difícil controle. Como missão, a Apepi tem o objetivo de promover o acesso ao uso medicinal de Cannabis e fomentar pesquisas e canais informativos e educacionais sobre seus benefícios. Atualmente fazem cultivo associativo e caminham para a implementação de um modelo de Farmácia Viva Verde com o projeto Mil Plantas com orientação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ao analisar as postagens feitas no Instagram da Apepi entre os anos de 2020-2021, cheguei ao recolhimento de 36 postagens que continham e repassavam informações científicas. Diferente da Abrace, a Apepi faz uso constante de hashtag com os mais variados termos, alguns semelhantes aos vistos na Abrace e outros que iam se adequando ao tema da postagem: #apepiesaude, #apepiinforma, #avidanaoespera, #cultivo, #cannabismedicinal, #cannabisbrasil, #maconhamedicinal, #maconhaterapeutica e #sistemaendocanabinoide. Há também o uso recorrente do termo maconha, THC, Canabidiol, CBG, entre outras substâncias e não somente a palavra Cannabis.

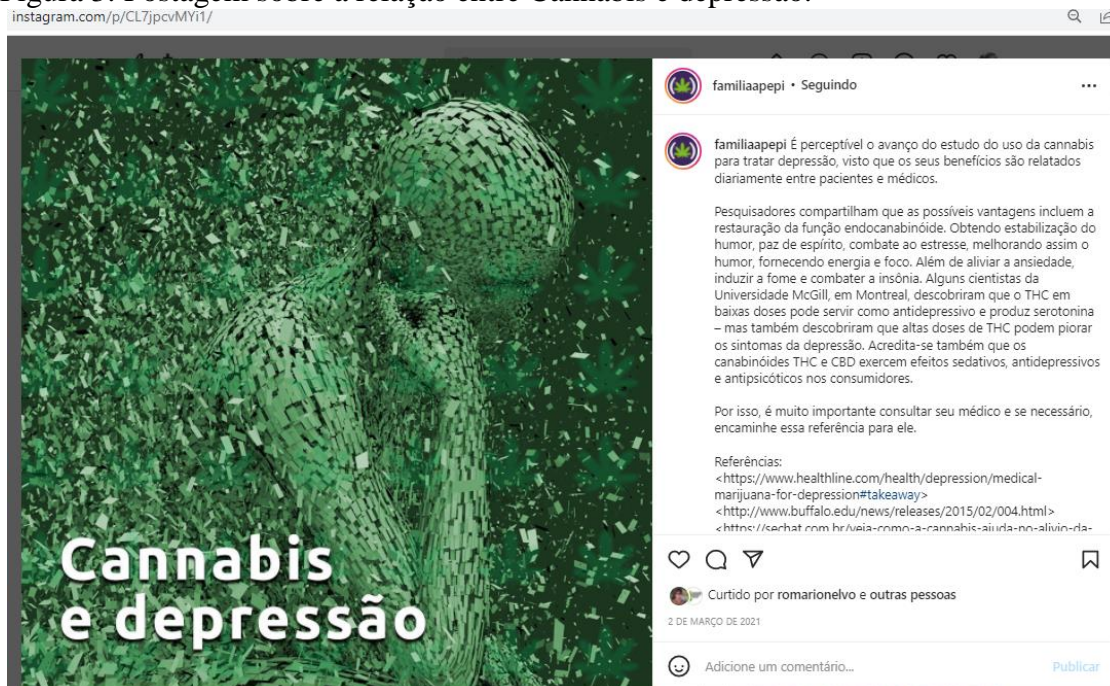
Em uma postagem de 12 de fevereiro de 2021, a Apepi traz uma imagem de uma criança enquanto brinca com sua mãe e um questionamento “Efetividade dos

<sup>12</sup> Para saber mais, ver: <https://www.apepi.org/>. Acesso em: 04 mai. 2022.

canabinoides para o tratamento do autismo. Vale a pena tentar?” A frase remete ao artigo produzido por Fabrício Pamplona, doutor em Psicofarmacologia e referência nos estudos sobre Cannabis no Brasil. Além de disponibilizar o link do texto, copiam alguns trechos do estudo na legenda. O uso do Canabidiol, um dos componentes derivados da Cannabis, é descrito como positivo relacionado a problemas comportamentais, de comunicação, ansiedade e estresse. É afirmado ainda que o efeito do Canabidiol nas diferentes formas de autismo está relacionado a redução de ansiedade e em uma melhora comportamental por parte dos indivíduos.

Em outra postagem feita em 2 de março de 2021, a Apepi fala da associação entre Cannabis e depressão. Para dar suporte a afirmação de que há benefícios do uso de Cannabis diariamente relatados por médicos e pacientes, citam um estudo feito por cientistas vinculados a Universidade McGill em Montreal que afirmam que o THC em baixas doses serve como um tipo de antidepressivo, produzindo serotonina. Em contraponto, afirmaram também que uma dose alta de THC pode piorar os sintomas de pacientes com depressão. É importante notar que a postagem traz tanto o que seria considerado um ponto positivo, quanto um negativo. Essa postagem tem ainda um ponto interessante, pois é colocado que é importante que os pacientes interessados procurem seus médicos, adicionando a frase “[...] e se necessário, encaminhe essa referência para ele”. A Apepi então elenca diferentes links que levam a estudos e matérias sobre a associação entre Cannabis e depressão. Além de informar seus seguidores, ainda traz outras fontes de informação a quem estes podem recorrer e se instrumentalizar em relação ao seu adoecimento e outros atores, como seus médicos.

Figura 3: Postagem sobre a relação entre Cannabis e depressão.



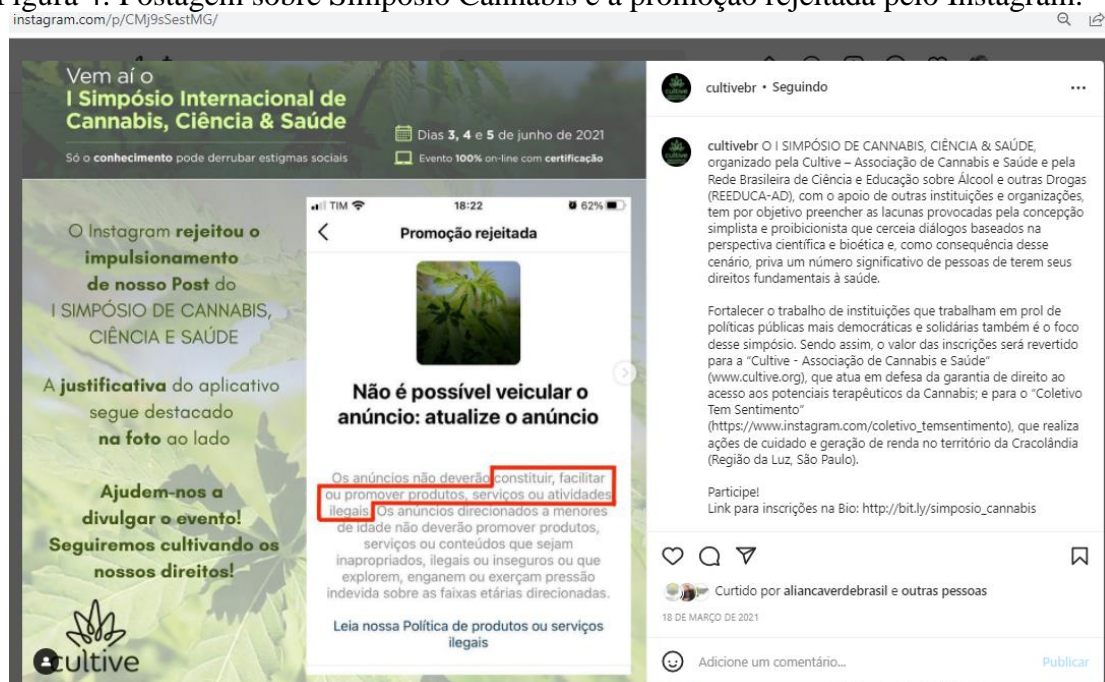
Fonte: Instagram @familiaapepi.

A Associação de Cannabis e Saúde (Cultive) é formada por familiares e pacientes com o intuito de realizar atividades educativas e pedagógicas sobre os efeitos terapêuticos da Cannabis, ampliando o acesso para outros pacientes. A missão da associação é facilitar a produção de Cannabis e assegurar o direito ao acesso à saúde por meio do autocultivo. Na análise do conteúdo disponível no Instagram da associação, coletei 14 postagens relacionadas a comunicação científica, menos que nas páginas da Abrace e Apepi. Percebi, além disso, postagens mais voltadas ao cultivo associativo e a regulamentação do uso terapêutico do que divulgação e comunicação científica. O uso de hashtag pareceu ser mais intenso do que nas outras duas páginas analisadas, sendo muitas associadas ao nome da associação: #cultive, #cultivebr, #cultivebrasil, #cultiveciência, #cultiveconhecimento, #cultivesaúde e #cultiveseusdireitos. Em uma postagem realizada no dia 8 de julho de 2020, a associação comemorava o Dia Nacional da Ciência e dos Pesquisadores Científicos. A associação utilizou o espaço da legenda para agradecer esses profissionais, ressaltando que é por conta deles que podemos utilizar a Cannabis como tratamento atualmente, associando ainda a profissão a cura para a Covid-19.

Em um post do dia 18 de março de 2021, a Cultive fez um chamado para o evento I Simpósio Internacional de Cannabis, Ciência e Saúde. O evento, realizado em parceria com a Rede Brasileira de Ciência e Educação sobre Álcool e outras Drogas (REEDUCA-AD), tinha como objetivo discutir medidas para além de concepções proibicionistas,

evidenciando a importância desses espaços para que as pessoas tivessem acesso aos seus direitos fundamentais à saúde. O interessante nesta postagem especificamente é a foto postada. A foto traz um print de tela com a promoção rejeitada para o impulsionamento da campanha no Instagram. De acordo com a plataforma, os anúncios não deveriam constituir, facilitar ou promover produtos, serviços e atividades ilegais. Já em outra postagem, dessa vez de 29 de março de 2021, a foto postada traz imagens da planta e em letras em caixa alta “Vem aí I Simpósio Internacional de Pamonha, Ciência & Saúde”. Na legenda, a associação destaca que a palavra Cannabis foi trocada por Pamonha por conta das próprias políticas de privacidade do Instagram que acabava associando o que era postado em relação ao evento com atividades ilícitas. A Cultive evidencia ainda que disseminar informação e promoção à saúde não é atividade ilícita. Estas postagens mostram como a associação vai driblando e reagindo as imposições da própria plataforma.

Figura 4: Postagem sobre Simpósio Cannabis e a promoção rejeitada pelo Instagram.



Fonte: Instagram @cultivebr



Figura 5: Postagem sobre I Simpósio Internacional de Pamonha, Ciência & Saúde.



Fonte: Instagram @cultivebr

Os usos dos termos, imagens e hashtag pelas associações mostram como estas têm promovido o debate e impulsionado a disseminação de informações sobre os usos terapêuticos de Cannabis. A ciência e seus produtos, desse modo, parecem pontos essenciais para dar mais credibilidade aquilo que é postado. Em diferentes postagens das três associações é ressaltado a importância de que mais pesquisadores se interessem pelo tema e que só com a contribuição dos cientistas e suas pesquisas é que conseguiremos alcançar uma regulamentação e um acesso eficaz para todos. Isso demonstra, mais do que nunca, como a ciência e os produtos científicos têm um lugar central para o debate sobre direito à saúde no Brasil.

### Considerações finais

Neste breve texto, argumentei que as associações canábicas têm feito um trabalho de comunicação e divulgação científica em redes sociais, sobretudo o Instagram, levando informações relevantes sobre o uso terapêutico aos seus seguidores, familiares e pacientes em torno da causa. A Internet e as redes sociais têm se tornado locais-chave para formação de vínculos biosociais (RABINOW, 1991) e para o compartilhamento de experiências e identidades biológicas comuns. Esses espaços são lugares privilegiados que entrecruzam experiências on-line e off-line, já que uma não pode ser dissociada da outra, nem dos contextos políticos e sociais onde esses pacientes e familiares vivem e convivem

cotidianamente (CARNEIRO; DWYER, 2012). Por fim, podemos dar ênfase em como a ciência e os produtos científicos estão presentes em nosso cotidiano e como o trabalho de comunicação científica realizado por essas associações tem sido essencial para alcançar informações, expertises e acessos à novas terapias de saúde.

## Referências

BRASIL. Resolução RDC nº 327 de 09 de dezembro de 2019. Dispõe sobre os procedimentos a concessão da Autorização Sanitária para a fabricação e a importação, bem como estabelece requisitos para a comercialização, prescrição, a dispensação, o monitoramento e a fiscalização de produtos de Cannabis para fins medicinais, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DR, nº 239, 11 de dezembro de 2019. Seção 1, p. 194.

CARNEIRO, Ana Maria; DWYER, Tom. A pesquisa da sociabilidade on-line: três gerações de estudos. **Revista USP**, n. 92, p. 100-113, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.

EPSTEIN, Steven. The construction of lay expertise: AIDS activism and the forging of credibility in the reform of clinical trials. **Science, Technology, & Human Values**, v. 20, n. 4, p. 408-437, 1995.

FROSSARD, Vera Cecília; DIAS, Maria Clara Marques. O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 349-361, 2016.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede Salvador. Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu encena, o eu em rede**. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

MILLER, Daniel et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. UCL Press, 2019.

MOL, Annemarie. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. **Porto: Afrontamento**, p. 63-106, 2008.

MOL, AnneMarie. **The body multiple**: Ontology in medical practice. Duke University Press, 2002.

MOTTA, Yuri J. de P. **O paciente dedo-verde**: uma etnografia sobre o cultivo e consumo de cannabis para fins terapêuticos na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Fluminense, 2019.

NOVAS, Carlos. The political economy of hope: Patients' organizations, science and biovalue. **BioSocieties**, v. 1, n. 3, p. 289-305, 2006.

OLIVEIRA, Fabiana Santos Rodrigues de. **Maconheirinhos**: cuidado, solidariedade, e ativismo de pacientes e seus familiares, em torno do óleo de maconha rico em canabidiol (CBD). Orientadora: Soraya Fleischer. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, 2016.

RABINOW, Paul. Artificialidade e ilustração: da sociobiologia à bio-sociabilidade. **Novos Estudos**, v. 31, p. 79-93, 1991.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

VALLE, Carlos Guilherme do. Biosocial Activism, Identities and Citizenship: Making up 'people living with HIV and AIDS' in Brazil. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 12, p. 27-70, 2015.